

**AS SEMIOSFERAS DE IFEMELUNAMMA NA OBRA *AMERICANAH*, de
Chimamanda Ngozi Adichie**

**THE SEMIOSPHERES OF IFEMELUNAMMA IN THE WORK
AMERICANAH, by Chimamanda Ngozi Adichie**

**LAS SEMIOSFERAS DE IFEMELUNAMMA EN LA OBRA *AMERICANAH*,
de Chimamanda Ngozi Adichie**

Juracy Ignez Assmann Saraiva¹ & Janaina Peixoto Kowalski²

Resumo: A semiótica é considerada como o estudo das representações. Inicialmente, os seus estudos foram desenvolvidos pelo americano Pierce e ganhou uma nova aplicabilidade com Saussure. Com base nestes estudos, Lotman, um estudioso da Escola de Tártu-Moscou, consolidou os estudos da semiótica da cultura, relacionando-os com o contexto social. Como objetivo deste trabalho, tem-se a aplicabilidade das concepções da semiótica da cultura em dois trechos da obra “Americanah”, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie.

¹ Graduada em Letras pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Mestre em Literatura Brasileira pela UGRS; Doutora em Teoria Literária pela PUC-RS (1990) e realizou Pós-Doutorado em Teoria Literária, na Universidade Estadual de Campinas (2000). É professora e pesquisadora na Universidade Feevale. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1783-2850>. E-mail: juracy@feevale.br.

² Doutora em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale (2022). Mestre em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale (2016). Tecnóloga em Cosmetologia e Estética pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI (2011). Possui pós-graduação em nível de especialização na modalidade Formação para o Magistério Superior em Direito Processual Penal, pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI (2008). Bacharel em Direito pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI (2004). Atualmente é professora da Universidade Feevale. E-mail: janainapeixoto@hotmail.com.

Palavras-chave: *Americanah*; Semiosfera; Semiótica.

Abstract: Semiotics is considered as the study of representations. Initially, his studies were developed by the American Pierce and gained a new applicability with Saussure. Based on these studies, Lotman, a scholar of the Tartu-Moscow School, consolidated the studies of the semiotics of culture, relating them to the social context. As an objective of this work, there is the applicability of the conceptions of the semiotics of culture in two excerpts from the work *Americanah*, by the Nigerian writer Chimamanda Ngozi Adichie.

Key words: *Americanah*; Semiosphere; Semiotics.

Resumen: La semiótica se considera como el estudio de las representaciones. Inicialmente, sus estudios fueron desarrollados por el estadounidense Pierce y adquirieron una nueva aplicabilidad con Saussure. Con base en estos estudios, Lotman, estudioso de la Escuela Tartu-Moscú, consolidó los estudios de la semiótica de la cultura, relacionándolos con el contexto social. Como objetivo de este trabajo, se encuentra la aplicabilidad de las concepciones de la semiótica de la cultura en dos extractos de la obra *Americanah*, de la escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie.

Palabras clave: *Americanah*; Semiosfera; Semiótica.

130

INTRODUÇÃO

Americanah é um romance da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, publicado em 2014.

A história tem o seu início na cidade de Lagos, na Nigéria, nos anos 1990, onde o país vivia tempos sombrios sob um governo militar. E, ao mesmo tempo, Ifemelu e Obinze vivem intensamente a sua primeira história de amor. Porém, em tempos de muitas greves nas universidades nacionais, Ifemelu decide estudar nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo em que se destaca no meio acadêmico, ela se depara com questões de gênero, raciais e com as dificuldades da vida de imigrante.

Após quinze anos, Ifemelu torna-se uma bloqueira aclamada nos Estados Unidos, mas nem o tempo e tampouco o sucesso atenuaram o seu apego com a terra natal e a sua ligação com Obinze. Ifemelu volta para a Nigéria e encontra muitas diferenças no lugar onde vivia e em sua relação com Obinze.

Com base na narrativa desta obra, este trabalho tem por objetivo realizar uma análise semiótica das semiosferas e suas fronteiras na qual inserem a história de Ifemelu.

O QUE é Semiótica

Antes de realizar a análise da obra “Americanah”, será apresentada neste texto uma abordagem sobre o conceito de Semiótica a partir dos ensinamentos de Santaella (1993).

Para entender sobre a Semiótica, Santaella (1993) em sua obra “O que é Semiótica” inicia com a origem etimológica do termo, onde afirma que o termo *semeion* quer dizer signo (linguagem). Então, Semiótica é a ciência dos signos, ou seja, a ciência que estuda as linguagens.

[...] o século XX viu nascer e está testemunhando o crescimento de duas ciências da linguagem. Uma delas é a Linguística. Ciência da linguagem verbal. A outra é a Semiótica, ciência de toda e qualquer linguagem (SANTAELLA, 1993, p. 01).

Há que se destacar o equívoco existente entre língua e linguagem, no qual corresponde a linguagens verbais e não-verbais, respectivamente. A naturalidade e evidência encontram-se na língua natural, ou seja, a nossa base para a fala e escrita. Contudo, a língua pátria não é a única que nos dá a capacidade de produzir, criar, reproduzir, consumir e transformar, ou seja, a forma do qual podemos nos comunicar com os outros (SANTAELLA, 1993). Dessa forma, a língua mostra a sua amplitude a partir do momento em que consegue atingir todas as formas de comunicação. A língua, sendo falada ou escrita, não se mostra como o único veículo de comunicação, muito embora os indivíduos a enxerguem como o único meio de se sentirem incluídos no mundo.

É tal a distração que a aparente dominância da língua provoca em nós que, na maior parte das vezes, não chegamos a tomar consciência de que o nosso estar-no-mundo, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicamos também através da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas interações de forças, movimentos; que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços cores... (SANTAELLA, 1993, p. 02).

A autora destaca que a nossa percepção de se sentir no mundo está consolidada na forma de comunicação através da língua oral ou escrita e, muitas

vezes, não nos damos conta das inúmeras formas de linguagem que nos cercam que cumprem o seu papel de nos comunicar algo, através da sua forma de representação.

Vale destacar, ainda, que a exclusividade ilusória da língua como meio de comunicação e forma de linguagem, surge de um condicionamento histórico que nos levou à crença de que as únicas formas de interpretação, saber e construção de conhecimento, vêm a partir da língua, ou seja, na sua manifestação de forma verbal ou escrita (SANTAELLA, 1993).

A autora afirma também que, quando se fala em linguagem, faz-se referência a uma gama de formas sociais de comunicação e de significação, incluindo a linguagem verbal e todos os outros sistemas de produção de sentido.

E, neste sentido,

As linguagens estão no mundo e nós estamos na linguagem. A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido (SANTAELLA, 1993, p. 02).

Para a Semiótica, a vida também é uma espécie de linguagem, e todos os sistemas e formas de linguagens tendem a se comportar como sistemas vivos, pois se reproduzem, se readaptam e se regeneram, como as coisas vivas (SANTAELLA, 1993).

A Semiótica está inserida no campo das ciências humanas e teve um nascimento peculiar, que reside no fato de ter três origens no tempo, porém distintas no espaço e na paternidade: uma nos Estados Unidos, outra na União Soviética e a última na Europa Ocidental (SANTAELLA, 1993).

A SEMIÓTICA de Peirce

Charles Sanders Peirce (1839 – 1914) era cientista, matemático, químico, físico, astrônomo, além de lógico e filósofo.

Peirce fez inúmeras contribuições no campo do saber das áreas da Matemática e Filosofia. E, tendo a Semiótica como um campo do saber abstrato, Peirce afirmou que os indivíduos podem exprimir o contexto à sua volta a partir de uma tríade: Primeiridade, Segundidade e Terceiridade. Além de possuir esta tríade como base

da sua teoria, concluiu que a consciência percebe aos poucos a experiência, distinguindo o pensamento do ato racional de pensar.

Para Peirce, o signo (também chamado de representâmen) é representado por um objeto (este podendo ser dinâmico ou imediato) ou por um interpretante (que se trata do significado, conceito, podendo também ser dinâmico ou imediato).

Santaella (1993) afirma que a tríade peirceana funciona como um grande mapa para auxiliar no reconhecimento do território dos signos, discriminando as suas diferenças e ajudar na nossa capacidade de apreensão da natureza de cada tipo de signo.

A SEMIÓTICA de Saussure

Ferdinand de Saussure (1857 – 1913) é considerado o pai da semiologia e designou os seus estudos na relação existente entre um conceito (significado) e uma imagem acústica (significante).

Saussure olhou a língua de outra forma (descritiva, sistemática e não-histórica) tornando explícito o rompimento gradual que já vinha sendo realizado com a comparação de análise evolucionista (NASCIMENTO, 2009).

Apesar dos diferentes enfoques entre as teorias de Saussure e Peirce, não se pode negar o impacto do trabalho do primeiro para o reconhecimento do segundo. Peirce trabalhou durante toda uma vida em prol de um ideal de estudo da lógica em todas as ciências, mas seus escritos só alcançaram repercussão na Europa e na União Soviética em meados do século XX, exatamente no período em que Saussure despontava como “o pai do Estruturalismo” na Europa (NASCIMENTO, 2009, p. 116).

Saussure trabalhou a natureza do signo linguístico, onde afirmou que, inicialmente, o significado de uma coisa é atribuído a ela em virtude de ideias preexistentes às palavras, porém, para ele, esta simples operação está bem longe de ser uma verdade.

“O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (DE SAUSSURE, 2006, p. 80). Ou seja, não quer dizer que o som material (físico) é o que se leve somente em consideração na interpretação de um signo, mas a representação que ele fornece aos nossos sentidos.

Dessa forma, o signo linguístico exibe duas características: a arbitrariedade (resulta da associação de um significante com um significado) e o caráter linear do

significante (sendo de natureza auditiva, ele se desenvolve no tempo, pois é única forma de se dispor) (DE SAUSSURE, 2006).

Assim, Saussure faz a relação dos signos com o contexto social, relacionando-os com o mundo da representação e, diferentemente de Peirce, não arrola o simbolismo junto da vida real. O signo, para Saussure, é constituído por um significante, na esfera material, e um significado, na esfera conceitual.

A SEMIÓTICA da cultura

Velho (2009) ensina que a semiótica da cultura é um referencial teórico desenvolvido por um grupo de pesquisadores na antiga União Soviética, chamado Escola de Tártu-Moscú (ETM). Esta corrente teórica tem como base uma série de discussões que passa por aspectos sociais, filosóficos, tecnológicos, que têm influência sobre a produção sógnica de determinada cultura, participando dos processos de significação e de comunicação de um grupo social.

As formas de comunicação e de representação do mundo acompanham as transformações do homem e se configuram a partir das necessidades dele e dos rumos da história. Resgatar este raciocínio é importante para entender a contribuição da Semiótica da Cultura (SC) [...] (VELHO, 2009, p. 250).

A ETM tem o seu surgimento na década de 1960, na Estônia, a partir da reunião de intelectuais que tinham interesse em estudar o papel da linguagem nas manifestações culturais, que até então estavam circunscritas aos estudos da Linguística e Literatura (VELHO, 2009).

Estes pesquisadores entendem que, diferentemente da unidade básica da semiótica geral (que é o signo), a semiótica da cultura tem como unidade básica o texto.

Machado (2003) aponta que o texto é a concepção da unidade básica da cultura, e não do sistema linguístico. Ele é o conceito fundamental para a abordagem semiótica, pois a partir dele é possível situar a passagem da informação para texto, uma codificação e sistemas modelizantes. E ainda, a linguagem natural, que é oriunda da cultura, funciona como modelo universal para os sistemas de comunicação.

Os semiologistas da Escola de Tártu-Moscú criaram um sistema de metodologia que descrevia o mundo das representações além da língua, ou seja, em

seu entendimento, as inúmeras formas de expressão fazem parte de um conglomerado sógnico que vai além dos códigos visuais e alfabetos verbais (VELHO, 2009). Contudo, para compreender a perspectiva da ETM, faz-se necessário compreender o que é cultura. Esta concepção não é homogênea entre os estudiosos. De uma forma geral, a ideia de cultura remete ao homem e ao modo particular como ele vive em comunidade (WAGNER, 2012). Laraia (2001) diz que o conceito de cultura surgiu em 1871, quando Edward Tylor a definiu “[...] como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética [...]”. Ao adotar esse ponto de vista, Laraia (2001) assinala que a cultura não nasce com o indivíduo, mas é aprendida a partir dos hábitos da sociedade na qual está inserido. O autor afirma, ainda, que a cultura pode se tornar um objeto sistemático de estudo, uma vez que é considerada um fenômeno natural que possui causas e regularidades, permitindo, portanto, uma análise sobre seu processo evolutivo. Para Laraia (2001), a cultura condiciona a visão de mundo do homem e é dinâmica, pois pode sofrer mudanças ao longo do tempo, o que não impede que seja compreendida e interpretada.

Bosi (1992) explica a concepção de cultura a partir da origem etimológica do termo. Cultura provém da palavra latina *colére*, de cuja raiz derivam as palavras *colo*, *cultus* e *culturus*. *Colo* significa, em latim, eu moro, eu trabalho, eu cultivo, eu ocupo e dá origem às palavras *colono* e *colônia* – contexto semântico de que se origina o conceito de colonização. *Cultus*, como verbo, é a ação de cultivar, remete ao que é feito, ao processo, e, como substantivo, é o produto do cultivo, o resultado. Assim, o processo e o resultado dão origem ao culto, que significa cultivar não só a terra, mas também cultivar os mortos que a terra acolheu. Já *culturus*, cujo sufixo *urus* introduz a ideia de futuro, denota que aquilo que foi cultivado deve ser preservado e ensinado. O termo cultura sugere, pois, a bagagem da memória, instituída pelo cultivo da terra e pelo culto aos mortos, que deve ser repassada para as futuras gerações (BOSI, 1992) cujos influxos inovadores também recebe.

Devido à sua variabilidade e diversidade, não existe, segundo Wagner (2012), um método para classificar as culturas e ordená-las de acordo com o seu tipo natural. Dessa forma, cada cultura é equivalente a qualquer outra, sendo essa suposição denominada de *relatividade cultural*.

A combinação dessas duas implicações da ideia de cultura – o fato de que nós mesmos pertencemos a uma cultura (objetividade relativa), e o de que devemos supor que todas as culturas são equivalentes (relatividade cultural) – leva a uma proposição geral concernente ao estudo da cultura (WAGNER, 2012, p. 40).

A equivalência entre culturas nega a ideia de que uma possa se sobrepor à outra por diferentes tipos de classificação. Entretanto, podem-se criar relações entre as culturas, traçando um sinal de proximidade entre o conhecedor e o conhecido. Wagner (2012) ressalta, ainda, que o antropólogo *inventa* a cultura que ele acredita estar estudando e essa explicação se justifica pelo fato de o cientista passar por um processo de observação e aprendizado, não sendo sua interpretação uma fantasia livre. Experimentando uma nova cultura, o pesquisador identifica novas potencialidades e possibilidades de viver a vida, pois essa nova cultura se torna *visível* para ele. Com a *invenção*, o sentido abstrato de cultura pode ser apreendido, e, por meio do contraste, a cultura do próprio pesquisador se torna *visível* para ele. Consequentemente, no ato de inventar outra cultura, o antropólogo inventa a sua própria e acaba inventando a noção de cultura.

Na concepção de Geertz (2011), cultura é um conceito semiótico. Ele diz que

[...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 2011, p. 4).

Para Geertz (2011), todo e qualquer gesto ou objeto traduz uma característica ou informação de uma cultura e, segundo o teórico, *valores de juízo* estão implícitos nas ações comuns e nas regras de determinados grupos. Assim, a cultura é atribuída uma função, isto é, regular a vida do homem em sociedade, a qual está atrelada à assimilação de *símbolos significantes* que regem padrões de comportamento. Geertz (2011) inclui nessa categoria palavras, gestos, desenhos, obras de arte, mecanismos como relógios, objetos, joias, “qualquer coisa que esteja afastada da simples realidade e que seja usada para impor um significado à experiência” (GEERTZ, 2011, p. 05). Uma simples piscadela entre duas pessoas pode ser considerada uma categoria cultural em razão do significado que ela possui em certo grupo social. Ela pode denotar uma anuência ou uma ameaça e, como partícula de comportamento, é um sinal de cultura. Dessa forma, todos os significados que integram um grupo de pessoas tecem uma teia e a este amarrado de fios dá-se o nome de cultura. Ou seja, a cultura é o resultado da composição de inúmeros signos representativos presentes em uma sociedade.

E, para os teóricos da Escola de Tártu-Moscou, a cultura é memória não-genética, ou seja, trata-se de um conjunto de informações acumuladas pelos grupos

sociais e que são transmitidas por meio de manifestações culturais ao longo da vida (VELHO, 2009).

Dessa forma, a cultura passa a ter um conceito pautado num conjunto de sistemas semióticos, onde guarda a memória não-hereditária da coletividade de forma dinâmica, ou pode ainda ser representada por um conjunto de relações de expressão e conteúdo (signicidade e signo) (ALVAREZ, 2012).

Na visão da ETM a cultura é “[...] inteligência coletiva, um sistema de ‘proibições e prescrições’ que molda a dinâmica da vida social e [...] leva em consideração [...] os fenômenos que incidem sobre a consciência coletiva” (VELHO, 2009, p. 250).

Lúri Lótman, foi um dos grandes expoentes da ETM, pois reconheceu que a ciência literária tem um vínculo estreito com os resultados obtidos pela linguística estrutural (MACHADO, 2003). Para Lotman, em primeiro lugar é assegurada a memória pela presença de textos constantes, e em segundo lugar pela unidade dos códigos (VELHO, 2009).

O pesquisador da ETM estendeu os primeiros estudos da semiótica a outros sistemas de signos, que vão além da poética e da linguística. A cada movimento semiótico da cultura, Lótman deu o nome de sistema modelizante de segundo grau, pois para ele, a língua é o sistema primário (é a partir dela que se dá a culturalização do mundo) (VELHO, 2009).

Sistema modelizante é o eixo central da semiótica da cultura. Os sistemas modelizantes são os códigos da cultura, estruturados hierarquicamente. O conjunto de códigos na cultura é transformado a partir dos diálogos entre as culturas. As novas informações, que, a princípio, podem causar estranheza em dada cultura, com a repetição, transformam-se qualitativamente, estruturando-se num modelo na cultura, uma espécie de algoritmo (ALVAREZ, 2012, p. 07).

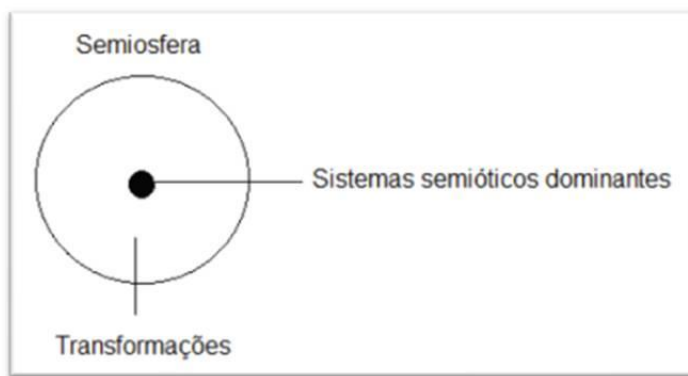
Assim, os sistemas modelizantes tratam dos códigos da cultura (estes que são obtidos a partir do primeiro sistema modelizante, que é a língua), que são oriundos dos diálogos entre culturas. Estes sistemas criam textos na cultura, que são signos usados como sistema de comunicação. Portanto, o texto, na cultura, é criação para significar.

Além de buscar compreender o processo da transformação da informação em texto, a semiótica da cultura leva também em consideração a dinâmica do texto com o contexto, ou seja, o ambiente interpretativo. Assim, quando se fala do texto no

contexto, fala-se do conceito de semiosfera na teoria da semiótica da cultura (ALVAREZ, 2012).

O conceito de semiosfera está pautado na junção dos termos semiótica e biosfera. A semiosfera, por sua vez, possui um caráter delimitado e, para entendê-la, é preciso traduzir os textos e linguagens que estão fora dos limites da semiosfera dada. “A fronteira da semiosfera tem como função controlar, filtrar e adaptar o externo do interno” (ALVAREZ, 2012, p. 10). Outra característica importante da semiosfera é a sua irregularidade semiótica, onde no seu núcleo estão os sistemas semióticos dominantes e, na periferia, as transformações. A irregularidade dos textos em constante movimento, caracteriza o encontro dialógico na semiosfera

(ALVAREZ, 2012).



Elaborado pela autora

A partir da representação da semiosfera e de que este possui uma delimitação, nota-se então, que há fronteiras entre as semiosferas. Cada qual possui a sua delimitação, seus sistemas semióticos dominantes e suas transformações. “Podemos atribuir de forma geral, que as fronteiras separam com uma fina membrana os espaços culturais particulares, filtrando as informações e mensagens. Os que vivem nas áreas de fronteira, se tornam tradutores de dois mundos” (MEDEIROS, 2016).

A partir da abordagem do conceito e origem da semiótica, atingindo o campo da semiótica da cultura e chegando à semiosfera de Lotman, faz-se a junção a este tema, o objeto de análise deste trabalho, isto é, a narrativa contida no romance de Chimamanda Ngozi Adichie.

AS SEMIOSFERAS de Ifemelu

Ifemelunamma, nascida na cidade de Lagos, estava cansada do regime político totalitário que assolava a Nigéria e provocava muitas paralisações e greves na universidade onde estudava.

Decidiu, junto da sua família, que iria terminar seus estudos e iniciar um novo capítulo da sua história na Filadélfia, Estados Unidos. Neste primeiro momento, é possível identificar a presença de duas semiosferas presentes na vida de Ifemelu: a semiosfera nigeriana e a americana.

Na primeira parte do livro, destaca-se a primeira fronteira entre semiosferas que Ifemelu encontrou:

Mas Ifemelu não gostava de ter que ir a Trenton para trançar o cabelo. Não era surpreendente que não houvesse um salão especializado em Princeton – os poucos negros que ela vira ali tinham a pele tão clara e o cabelo tão liso que era difícil imaginá-los usando tranças –, mas, enquanto esperava o trem na Princeton Junction, numa tarde incandescente de calor, Ifemelu se perguntou *por que* não havia um lugar ali onde pudesse fazer suas tranças (ADICHIE, 2014, p. 10).

Além das semiosferas existentes, nota-se também a presença dos sistemas modelizantes. Os cabelos de Ifemelunamma possuem características que ela mesma percebe em relação aos outros negros que habitavam a região central dos Estados Unidos. O texto, ou seja, a unidade de significação da semiótica da cultura são os formatos dos fios dos cabelos de Ifemelu, bem como a forma de como ela os arruma: com tranças.

O fato da protagonista da obra *Americanah* ser negra e possuir cabelos encaracolados aponta a fronteira entre semiosferas existente entre Nigéria e Estados Unidos. Semiosferas estas que são reconhecidas por meio da cultura que, como apontam os estudiosos da Escola de Tártu-Moscou, trazem com o indivíduo uma herança não-genética, mas a memória que vem com o indivíduo através das informações que trazem, através das suas manifestações culturais.

Após alguns anos em terras norte-americanas, Ifemelu cria um blog com o objetivo de compartilhar suas experiências. E, uma de suas postagens fala a outros negros não americanos:

Querido negro não americano, quando você escolhe vir para os Estados Unidos, vira negro. Pare de argumentar. Pare de dizer que é jamaicano ou ganense. A América não liga. E daí se você não era negro no seu país? Está nos Estados Unidos Agora. Nós todos temos nosso momento de iniciação na Sociedade dos Ex-Crioulos. O meu foi numa aula de faculdade, quando me pediram pra dar a visão negra de algo, só que eu não tinha ideia do que aquilo significava. Então, simplesmente inventei. Além do mais, admita: você diz “Eu não sou negro” só porque sabe que os negros são o último degrau da escada de raças americana. E você não quer estar ali. Não negue. E ser negro trouxesse todos os privilégios de ser branco? Você ainda diria “Não me chame de negro, eu sou de Trinidad?”. É, eu sabia que não. Você é negro, baby. E essa é a questão de se tornar negro: você tem de se mostrar ofendido quando palavras como “farofeiro” e “tiziu” são usadas de brincadeira, mesmo que não tenha a menor ideia do que está sendo dito – e, como você é um Negro Não Americano, é provável que não saiba o que elas significam. (Na faculdade, um colega branco me perguntou se eu gostava de melancia, eu disse que sim e outra colega disse: “Meu Deus, que coisa racista”. Fiquei confusa e disse: “Espere, por quê?”.) Quando outro negro te cumprimenta com a cabeça num bairro de maioria branca, você tem de retribuir. Eles chamam isso de cumprimento negro. É uma maneira que os negros têm de dizer: “Você não está sozinho, eu estou aqui também”. Ao descrever as mulheres negras que você admira, sempre use a palavra FORTE, porque, nos Estados Unidos, é isso que as mulheres negras devem ser. Se você for mulher, por favor, não fale o que pensa como está acostumada a fazer em seu país. Porque junto, nos Estados Unidos, mulheres negras de personalidade forte dão MEDO. E, se você for homem, seja supertranquilo, nunca se irrite demais, ou alguém vai achar que está prestes a sacar uma arma. Quando estiver vendo televisão e ouvir um “insulto racial” sendo usado, fique ofendido na mesma hora. Apesar de estar pensando: “mas por que eles não me explicam exatamente o que foi dito?”. Apesar de querer decidir sozinho quão ofendido ficar, ou mesmo se está ofendido, ainda assim você precisa ficar muito ofendido.

Quando um crime for noticiado, reze para que não tenha sido cometido por um negro, se por acaso tiver sido, fique bem longe da área do crime durante semanas, ou vai acabar sendo parado pela polícia por se encaixar no perfil dos suspeitos. Se uma caixa negra não for eficiente com a pessoa não negra que está na fila à sua frente, elogie os sapatos ou alguma outra coisa dessa pessoa para compensar a ineficiência, pois você é tão culpado do crime da caixa quanto ela. Se estudar numa faculdade de prestígio e um jovem membro do Partido Republicano te disser que você só conseguiu entrar lá por causa da ação afirmativa, não mostre seu boletim do ensino médio cheio de notas dez. Em vez disso, comente gentilmente que os maiores beneficiários da ação afirmativa são as mulheres brancas. Se for comer num restaurante, por favor, dê gorjetas generosas. Se não fizer isso, a próxima pessoa negra que chegar vai ser muito mal servida, porque os garçons gemem quando veem uma mesa cheia de negros. Entenda, os negros têm um gene que faz com que não deem gorjetas, então, por favor, lute contra esse gene. Se estiver falando com uma pessoa que não for negra sobre alguma coisa racista que aconteceu com você, tome cuidado para não ser amargo. Não

reclame. Diga que perdoou. Se for possível, conte a história de um jeito engraçado. E, principalmente, não demonstre raiva. Os negros não devem ter raiva do racismo. Se tiverem, ninguém vai sentir pena deles. Isso se aplica apenas a liberais brancos, aliás. Nem se incomode em falar alguma coisa racista que aconteceu com você para um conservador branco. Porque esse conservador vai dizer que VOCÊ é o verdadeiro racista e sua boca vai ficar aberta de espanto (ADICHIE, 2014, p. 239-241).

Ifemelu, nesta postagem que foi uma das primeiras de seu blog, escreve para os negros que também não são americanos, como ela. A fronteira entre as semiosferas fica clara e evidenciada quando a personagem fala dos negros americanos e dos não americanos. Ifemelu vive na fronteira, ou seja, na membrana que envolve as culturas nigeriana e norte-americana. Ifemelu, neste caso, cumpre o papel de tradutora desses dois mundos.

O texto (como unidade da semiótica da cultura), neste relato de Ifemelu possui as funções comunicativa, geradora de sentidos (cria sentidos) e mnemônica, pois traz consigo a memória da cultura da qual Ifemelu pertence.

Torchi (2014, p. 55) afirma que, numa composição híbrida, “[...] a noção de texto é repleta de diferentes extratos de significação fazendo com que a demanda da referencialidade seja mediada por distintos níveis textuais [...]”.

O texto da personagem atinge diferentes níveis de textualidade, uma vez que trata da questão do racismo através de várias situações que viveu.

Observa-se que, através das semiosferas e do papel de tradutora que Ifemelu se encontra, há um diálogo entre as culturas quando a personagem trata do Negro e do Negro Não Americano. Nota-se que a escritora do blog não sente nenhuma espécie de pertencimento no local onde escolheu viver e, ainda, escreve a outros negros “não americanos” como ela, numa tentativa de se unirem e mostrarem que os “não americanos” são indivíduos como os negros americanos.

A fronteira, no texto de Ifemelu, fica evidente não somente pela cor da pele, mas pelas características dos cabelos e os comportamentos que podem ser atribuídos a um negro não americano.

Ifemelunamma seguiu escrevendo e compartilhando experiências e ideias em seu blog. Sempre delineando assuntos relacionados ao racismo, diferenças culturais e questões de gênero. Após quinze anos nos Estados Unidos e de ser aclamada por suas ideias, Ifemelu, agora madura e mais segura de si, volta para a Nigéria e constrói uma nova história ao lado do seu primeiro amor, Obinze.

CONSIDERAÇÕES finais

Com base nos conceitos precípuos de semiótica, foi possível chegar à teoria da semiótica da cultura e a sua aplicabilidade. Percebe-se que a concepção e os estudos de semiótica seguiram um longo percurso e com grandes discussões.

Grandes estudiosos fizeram as suas contribuições para teoria geral das representações e, posteriormente para os estudos dos signos dentro da linguística.

Contudo, e a partir destes estudos, este trabalho se propôs aplicar a teoria da semiótica da cultura em dois trechos da obra *Americanah* de Chimamanda Ngozi Adichie. Nas citações retiradas da obra, a personagem principal, Ifemelunamma, aponta as suas inquietações acerca da questão racial da qual se deparou quando deixou a Nigéria e foi para os Estados Unidos.

Nas citações de Ifemelu, são aplicadas as concepções de Lotman sobre a semiótica da cultura e verificaram-se, de maneira concreta, as presenças das semiosferas e fronteiras entre as culturas nigeriana e norte-americana.

A aplicação das teorias semiótica da cultura faz abrir um leque de possibilidades para utilização da teoria das representações para determinados objetos de estudo. A semiótica mostra-se uma forma democrática de análise e estudo de várias faces das áreas de conhecimento.

142

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. Tradução Júlia Romeu. Companhia das Letras, São Paulo: 2014.

ALVAREZ, Maria do Carmo Avamilano. O ciclo da comunicação científica na semiosfera. *Semeiosis – Semiótica e transdisciplinaridade em revista*. 1º semestre, 2012, p. 01-15.

BOSI, Alfredo. Colônia, culto e cultura. In: _____. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 11-63.

DE SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. Editora Cultrix, São Paulo: 2006.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2011, p. 3-21.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

MACHADO, Irene. *Escola de semiótica: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura*. Ateliê Editorial Fapesp, Cotia/SP: 2003.

MEDEIROS, Alexandre. Semiótica da cultura: a semiosfera de Yuri Lotman aplicada ao universo do personagem Miguilim de João Guimarães Rosa. *Convenit Internacional* 20, jan-abr 2016, Cemoroc-Feusp/IJI – Univ. do Porto, p. 61-71.

NASCIMENTO, Fábio Santiago. Relações entre a teoria dos signos de Saussure, a Semiótica de Peirce e a Gramática visual de Kress & Van Leeuwen. *Expressão – Revista do Centro de Artes de Letras*. Santa Maria (UFSM), (2), Jul/Dez, 2009, p. 115-123.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. 1ed., Ed. Brasiliense, São Paulo: 1993 (Coleção Primeiros Passos).

TORCHI, Gicelma da Fonseca Chacarosqui. *A semiosfera do chá gelado: um olhar semiótico sobre a cultura mestiça do tereré*. Revista Graphos, vol. 16, nº 2, 2014, p. 53-66.

VELHO, Ana Paula Machado. A semiótica da cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. *Rev. Estud. Comun.*, Curitiba, v. 10, n. 23, p. 249-257, Set/Dez, 2009.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Tradução Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

143

Artigo Recebido em: 12 de fevereiro de 2021.

Artigo Aprovado em: 05 de junho de 2021.

